

HÁBITOS SEDENTÁRIOS

Nunes da Rocha

XII

E disse
«Dá-me uma hora entre quatro paredes
E terás a lesma — palavra na borda da chávena
 O fio de cuspo na janela comum
Verás um homem com uma agulha nos olhos
 Os lábios brancos
Como um suicídio em rima pobre
Supõe que chegámos a este quarto
Com aluguer de memória no serviço
Supõe um modo único de despedida
Sem naperons ou devoluções
Tão pouco inconveniências de bidé
Supõe ainda um esquecimento consentido
 Destinado ao aterro
Em desmedida violência só porque sim
 Coração míope e pedra no coração
E será outra a biografia ao nascer do dia»
Ainda disse

XIII

Chegámos aqui de óculos escuros, ventres inchados
Prestes à consolação
 Em obediência aos panfletos
E às promessas esquecidas
Do alto absoluto para o absoluto esquecimento
Na quase coincidência
Ou quase evidência do cascalho derredor
Com a dormência dos pequenos cadáveres
De um lado a carne desprendida
Do outro a maçada de não chegarmos a horas
Culpa e silêncio confortável
Serão a última ceia num dialecto invisível ou
Mais confortável ainda
Posfácio a dispensar índice num cais onde os comboios
São navios parados
Sem vento
Sem terra no mar

XIV

Digo

Soubesse o que me esperava

E a certeza de te olhar seria como uma chuva

Sobre morada injusta

 No caminho deixando breves recados

 Minúsculas doenças

Na infame maneira de regressar a casa

Jurei ser poeta de canivete no bolso

 Com a maldade escondida

Pronto a um destino sem dignidade

 Como laranja esquecida

Capaz de uma dor fora de horas

 Ou álcool inacabado

À primeira chuva

Um rato ou talvez a parede subtil

Repartiram os ténues versos

De súbitas indecências

Nunes Da Rocha, Amadora, 2014